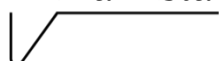


Evgeni Pachukanis e a caracterização do fascismo: para um diálogo dentro da tradição marxista¹



João Guilherme Alvares de Farias²

Resumo

O objetivo deste artigo consiste em recuperar das reflexões de Evgeni Pachukanis (1891-1937) os componentes básicos caracterizadores do fascismo, empregando a esses componentes certa sistematicidade até certo ponto ausente na exposição do texto pachukaniano. Também abordaremos aquilo que nos parece ser um limite relativo presente em sua reflexão. Em seguida, pretendemos colocar suas posições em diálogo com algumas das clássicas contribuições que integram a tradição marxista, tais como aquelas elaboradas por Clara Zetkin, Palmiro Togliatti e Nicos Poulantzas. Inspirados pelos últimos textos de conjuntura do cientista político Armando Boito Jr. (2019; 2020; 2021), nossa hipótese caminha no sentido de que essa recuperação permitiria extrair do texto pachukaniano os principais elementos caracterizadores do fascismo, principalmente, no que diz respeito à reflexão sobre um conceito teórico geral e sintético. Essa revisão bibliográfica permitiu perceber alguns pontos de destacado ineditismo presentes na obra de Pachukanis, bem como captar limitações que foram superadas por teóricos da tradição marxista.

Palavras-chave: Pachukanis; fascismo; imperialismo; classes sociais; marxismo.

1 O presente texto é resultado das leituras realizadas e dos diálogos travados no âmbito do Grupo de Estudos e Pesquisas Educação, Classe e Conflitos Sociais (GEPECSO), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo, e coordenado pelo professor Davisson Charles Cangussu de Souza. Uma versão reduzida e distinta em termos de objetivo foi apresentada no 10º Congresso Internacional e Interdisciplinar em Sociais e Humanidades (2021). Agradeço ao professor Davisson, meu orientador, pelos comentários à primeira versão deste texto e também às colegas e aos colegas do GEPECSO pelos debates travados durante os encontros. Por último, agradeço às/aos pareceristas *ad hoc* da revista, cujas revisões contribuíram para tornar o texto mais preciso e conceitualmente mais rigoroso.

2 Doutorando em Ciências Sociais (EFLCH-UNIFESP). Membro do GEPECSO. E-mail: alvares.farias@unifesp.br.

Abstract

This essay intends to recover from the reflections of Evgeni Pashukanis (1891-1937) what we understand to be the basic components that characterize fascism according to the Bolshevik jurist, assigning a certain systematicity to some extent absent in his text. We will also approach what seems to us to be a relative limit present in his reflection. Then, we intend to put their positions in dialogue with some of the classic contributions that integrate the Marxist tradition, such as those made by Clara Zetkin, Palmiro Togliatti and Nicos Poulantzas. Inspired by the latest conjuncture texts written by political scientist Armando Boito Jr. (2019; 2020; 2021), our hypothesis moves in the sense that this recovery allows us to extract from the text of Pashukanis the main characterizing elements of fascism, especially with regard to the reflection on a general and synthetic theoretical concept. This bibliographic review allowed us to perceive some points of outstanding originality present in the work of Pachukanis, as well as to capture limitations that were overcome by theorists of the Marxist tradition.

Keywords: Pachukanis; fascism; imperialism; social classes; Marxism.

Introdução

O objetivo principal do presente ensaio é recuperar de modo sistematizado os elementos básicos caracterizadores do fascismo presentes no texto do jurista bolchevique Evgeni Pachukanis. De modo subordinado ao objetivo principal, pretendemos estabelecer um diálogo entre as posições de Pachukanis e as clássicas contribuições de Clara Zetkin, Palmiro Togliatti e Nicos Poulantzas. Trata-se, portanto, de uma proposta estritamente teórica voltada particularmente ao debate sobre o conceito de fascismo dentro da tradição marxista, com o qual, acreditamos, a obra de Pachukanis tende a contribuir.

Nossa hipótese básica é que a reflexão de Pachukanis, que viveu entre 1891 e 1937, contém elementos gerais e universais a respeito da caracterização do fascismo, a despeito de sua análise ser, sobretudo, conjuntural e histórica. Nesse sentido, a questão que nos orienta é a seguinte: o que há de geral na análise que Pachukanis realiza sobre os primeiros anos do fascismo na Itália? Os escritos de Pachukanis sobre o fascismo permaneceram por muito tempo desconhecidos do público brasileiro. O conjunto de textos em que o jurista bolchevique aborda esse tema foi publicado, pela primeira vez em língua portuguesa, apenas em novembro de 2020.

Essa constatação pode até certo ponto explicar a ausência de estudos sobre a abordagem pachukaniana do fascismo. Os poucos comentários que existem a seu respeito não deram conta de captar os traços fundamentais da reflexão feita por Pachukanis, de

modo que acabam por reproduzir certa desordem presente no próprio texto do jurista bolchevique³. Nosso esforço neste texto passa precisamente por empregar algum grau de sistematicidade à análise do jurista bolchevique, recuperando seus traços fundamentais, bem como por estabelecer um diálogo entre Pachukanis e alguns dos principais nomes da tradição marxista dedicada ao estudo do fascismo.

Acreditamos que existem duas dimensões na análise de Pachukanis que dão ao seu trabalho um caráter incontornável para o estudo do fascismo. A primeira, considerando as produções sobre o fascismo na tradição marxista, diz respeito ao relativo ineditismo de sua análise; a segunda, considerando que o momento de sua elaboração (1925 e 1927) coincide com a consolidação da ditadura fascista na Itália, refere-se à precisão com que ele capta os *componentes básicos caracterizadores do fascismo*, apesar da forma pouco sistemática com que faz a sua exposição⁴.

Antes de entrarmos propriamente na exposição de quais seriam esses componentes básicos caracterizadores do fascismo, julgamos ser importante o registro de um alerta: apesar de pouco usual nos textos de Pachukanis, há no verbete dedicado ao fascismo uma *definição* do fenômeno, que, segundo o jurista bolchevique, pode ser assim compreendido:

O regime fascista pode ser definido como a ditadura da grande burguesia, levada a cabo não com a ajuda de meios sutis de mecânica eleitoral, não por meio da alternância entre diferentes partidos, plataformas e camarilhas políticas, mas pelo domínio aberto e direto de um único partido político, apoiado diretamente na força armada. (PACHUKANIS, [1927] 2020b, p. 59-60).

Pensamos que existem claros limites a essa definição. Em alguma medida, se comparada com o conjunto de suas posições, tal definição não logra captar a totalidade dos

3 Apontaríamos como exceção, apesar do seu caráter ensaístico, pois se trata de uma resenha, o comentário de Oswaldo Akamine Jr. (2020), que anuncia um dos elementos fundamentais na análise do texto pachukaniano: o caráter de classe do fascismo. Reconhecemos, ademais, a existência do próprio prefácio da obra (Mascaro, 2020, pp. 9-24) e também uma resenha recém publicada de autoria de Thiago Hansen (2021, 11 p.), mas que não chegam a fazer uma exposição que tenha por objetivo extrair do texto pachukaniano, de modo sistematizado, os componentes básicos caracterizadores do fascismo.

4 Aqui cabe um comentário de cunho metodológico a partir de duas dimensões. A primeira com relação ao recorte dos textos analisados, isto é, dos textos produzidos antes da consolidação da repressão stalinista, de modo que, deliberadamente, deixamos de trabalhar com os textos posteriores à década de 1930. A propósito da relação entre sua vida e obra e a repressão stalinista, conferir especialmente o primeiro capítulo de “Uma introdução a Pachukanis” (Akamine Jr. et al., 2022, 177 p.). A segunda dimensão, talvez ainda mais importante para o nosso objetivo, refere-se à nossa particular interpretação de que são esses dois textos que reúnem os traços essenciais da caracterização do fascismo, inclusive por não absorver as diretrizes formuladas no âmbito da 3ª Internacional após o relatório aprovado pelo Décimo Terceiro Plenário do Comitê Executivo da Internacional Comunista, em 1933.

componentes básicos e relacionais apreendidos pelo próprio Pachukanis ao longo de sua análise.

Assim, propomos que se abra mão da definição do autor e que busquemos em seu texto os elementos básicos para a caracterização do fascismo e para uma formulação conceitual teórica que seja sintética e que ao mesmo tempo possa expressas as determinações fundamentais do fenômeno.

1. Elementos caracterizadores do fascismo: um diálogo com a tradição marxista

1.1. O Imperialismo

A partir das últimas décadas do século XIX, o capitalismo passou por uma profunda mudança decorrente do processo de concentração e centralização de capital: a formação de grandes monopólios sob o domínio do capital financeiro. Este último estabeleceu um processo tanto de fusão quanto de subordinação do capital industrial. Vladimir Lenin (2008) denominou esse processo particular de fase imperialista ou fase monopolista do capitalismo, caracterizado principalmente pela tendência à estagnação e à decomposição.

Essa retomada é importante porque, segundo Pachukanis ([1926] 2020a, p. 53), “o fascismo é fruto do estágio imperialista do desenvolvimento capitalista, no qual este último manifesta traços de estagnação e decadência”. Apesar dessa colocação, o texto pachukaniano não chega a fornecer, de modo mais explícito e elaborado, as determinações que justificariam de maneira objetiva o fascismo como possibilidade inscrita na fase monopolista do capitalismo.

Da análise de sua obra, podemos concluir que subjacente à sua afirmação esteja a ideia de que o fascismo seria o regime de exceção da forma democrática de Estado capitalista com maior capacidade responsiva e reprodutiva, na instância política, das condições assumidas no nível da exploração econômica da força de trabalho, bem como no desmonte político-estratégico de suas organizações.

Ao relacionar o fascismo ao parasitismo e à decadência do capitalismo monopolista, Pachukanis pretende afirmar, especialmente, a adequação e compatibilidade entre um regime político ditatorial e relações de produção marcadas pelo aumento da exploração e

do domínio de classe⁵. Podemos chegar a essa conclusão a partir da análise que Pachukanis tece do caso italiano.

No curso de suas colocações, percebemos que, na instância econômica, parasitismo e decadência, significavam principalmente o aumento do nível de exploração da classe operária (Pachukanis, 2020a, p. 41), acompanhado de outros dois fatores de ordem jurídico-política: o primeiro diz respeito à preservação do direito de propriedade (Pachukanis 2020a, p. 37), já que a abolição deste era um dos objetivos das organizações operárias; o segundo se refere à incapacidade da burguesia implementar medidas financeiras e administrativas de estabilização econômica (Pachukanis, 2020a, p. 39).

Note o leitor que a relação entre fascismo e fase monopolista do capital é um dos elementos fundamentais do fenômeno, mas que não aparece na definição anteriormente comentada. Pois bem, afirmar que o fascismo se insere no quadro geral da fase imperialista do capitalismo acarreta consequências das mais importantes, dentre as quais a de que o fascismo constitui uma “possibilidade histórica” (MARTUSCELLI, 2021, p. 11).

Essa constatação coloca em evidência o vanguardismo do texto pachukaniano. É verdade que alguns anos antes de suas reflexões, Clara Zetkin havia elaborado sua análise política sobre o fascismo. Entretanto, o texto de Zetkin parece localizar a possibilidade do fascismo como uma marca do *capitalismo em geral* ou, mais corretamente, “como uma expressão da decadência e desintegração da economia capitalista” (ZETKIN, 2019a, p. 37), mas não, especificamente, da sua fase monopolista.

O uso do termo “imperialista”, que aparece apenas em sua resolução (ZETKIN, 2019, p. 77-84), é preciso reconhecer, refere-se ao caráter que ela atribui à Primeira Guerra Mundial, mas não à caracterização do estágio do capitalismo em sua relação com o fascismo. E para reafirmar a importância dessa sutil distinção entre *capitalismo* e sua forma *imperialista* na análise do fascismo, vejamos o que diria Poulantzas décadas mais tarde:

Horkheimer, se erguendo muito cedo contra a série de concepções do ‘totalitarismo’, dizia: ‘Mas aquele que não quer falar de capitalismo, deveria também se calar no que concerne ao fascismo.’ Isto, com todo rigor, é falso: é aquele que não quer falar de imperialismo [...] deveria assim se calar

5 Esta é uma marca distintiva importante entre a interpretação de Pachukanis e aquela feita pela Terceira Internacional, que relacionava o fascismo com a leitura economicista do baixo grau de desenvolvimento das forças produtivas. A respeito dessa crítica: Poulantzas (2021, p. 107). Sobre o antieconomicismo de Pachukanis: Akamine Jr. et al. (2022, p. 133-156).

no que concerne ao fascismo. Com efeito, o fascismo se situa no estágio imperialista do capitalismo (POULANTZAS, 2021, p. 26).

Igualmente, em 1935, portanto, quase uma década após os escritos de Pachukanis, seria Palmiro Togliatti o responsável por reiterar essa constatação, ressalta-se, já presente no texto pachukaniano: “*não se pode saber o que é o fascismo se não se conhece o imperialismo*” (TOGLIATTI, 1978, p. 3). Assim compreendido, isto é, como um fenômeno inscrito no estágio imperialista, o fascismo deixa de ser apenas uma situação circunscrita historicamente às experiências alemã e italiana da primeira metade do século passado.

A consequência dessa análise é a afirmação da possibilidade histórica do fascismo no tempo presente. O fascismo, nessa perspectiva, não é uma negação ou uma anomalia do capitalismo, mas uma probabilidade que pode ou não se consolidar, a depender da relação de forças e das lutas travadas entre as classes sociais e suas frações nas diferentes instâncias que estruturam as relações de produção capitalistas numa formação social concreta.

1.2. Classes e frações de classe

Apontando o respectivo papel de cada uma das forças sociais por ele identificadas no processo de fascistização até a consolidação da ditadura fascista, o texto pachukaniano nos coloca diante, fundamentalmente, de três dessas forças sociais, sem considerar aqui as frações burguesas, que, no fascismo italiano, segundo ele, eram constituídas pela burguesia industrial e pela burguesia financeira (Pachukanis, 2020a p. 26). Assim, de acordo com o jurista bolchevique seriam sobretudo três forças fundamentais cujos papéis se destacavam no fascismo italiano: i) o grande capital ou a grande burguesia; ii) a pequena burguesia; iii) e o proletariado.

Oswaldo Akamine Jr. (2020), ao comentar o texto pachukaniano, afirma: “Pachukanis aponta o componente de classe que marca essencialmente o fascismo, trazendo à tona as imbricações do movimento político com os gigantes da indústria e do mercado financeiro”. Pois bem, Pachukanis registra, mais de uma vez, que a força dirigente do fascismo é o grande capital. Entretanto, também em mais de uma oportunidade, Pachukanis relaciona o fascismo às frações da burguesia industrial e financeira, para excluir, no caso italiano, a burguesia fundiária.

Esse ponto é fundamental para o debate atual sobre a conjuntura brasileiras, sobretudo se pensarmos nos termos da divergência entre Boito Jr. e Boron (Boito Jr., 2019,

p. 3)⁶. A propósito desse tema, pensamos que o tratamento dado por Pachukanis comporta dois níveis distintos de análise: um conjuntural e outro conceitual.

Dessa forma, podemos perceber que é no momento em que ele analisa a conjuntura italiana que surge a precisa relação entre a hegemonia burguesia do capital nacional industrial e financeiro e o fascismo italiano (Pachukanis 2020b, p. 57). Por outro lado, no momento em que formula um conceito para o fascismo, Pachukanis (2020b, p. 59) abandona a hegemonia desta ou daquela fração de uma dada formação no bloco no poder para se referir ao fascismo como ditadura da grande burguesia.

Esse segundo nível de sua análise nos permite concluir pela possibilidade de que haja alguma variação da classe ou fração que exerce a hegemonia no bloco no poder na ditadura fascista, o que aproximaria sua perspectiva daquela, por exemplo, sustentada por Boito Jr., marcada pela recusa ao historicismo e à ideia de que o fascismo estaria restrito às experiências do século XX e a uma formação hegemônica específica no bloco no poder.

Dito isso, podemos retornar às três forças sociais consideradas por Pachukanis. Assim, no que diz respeito à pequena burguesia, de acordo com ele, esta seria formada pela intelectualidade técnica, pelos servidores públicos e pela juventude acadêmica (PACHUKANIS, 2020a, p. 32). A respeito da grande burguesia ou do grande capital, Pachukanis (2020a, p. 26, *itálico nosso*) assevera o seguinte: “agora está claro para todos os observadores que a ditadura de Mussolini *não é uma ditadura da pequena burguesia* nem de grandes proprietários de terra, *mas uma ditadura dos grandes industriais e do capital financeiro*”.

Essa passagem revela que, além da possibilidade de sua variação a depender desta ou daquela formação social, as classes ou as frações de classes que comandam e dirigem o processo de fascistização, segundo o jurista bolchevique, são aquelas que, para usar noções tomadas de empréstimo de Poulantzas (2019; 2021), disputam o exercício da hegemonia no bloco no poder.

Desse modo, se consideramos como adequada a crítica de Palmiro Togliatti (1978, p. 1-3) sobre as concepções errôneas que dominaram as primeiras análises sobre o fascismo, especialmente em torno do papel da pequena burguesia, então poderíamos afirmar que

6 A divergência consiste, essencialmente, na possibilidade ou não da relação entre o fascismo e a hegemonia burguesa dominante de apenas uma ou de diferentes frações que integram o bloco no poder.

Pachukanis escaparia ileso à sua crítica, como vimos acima, ao deixar claro que *o fascismo não é uma ditadura da pequena burguesia*.

A respeito da segunda, isto é, da pequena burguesa, Pachukanis afirma o seguinte:

A exasperação da pequena burguesia e da intelectualidade de centro contra os operários *constituiu, ainda, a base por meio da qual o fascismo pôde estabelecer a sua primeira célula*. No futuro, esse movimento deveria inevitavelmente fechar com a ultrarreação, com os proprietários, com grupos monarquistas e com o capital financeiro, formando com este uma frente única. (PACHUKANIS, 2020a, p. 36, *italico nosso*).

No fascismo, portanto, a pequena burguesia se apresenta como força social organizada que atua como suporte, sendo esta uma de suas marcas distintivas fundamentais em relação à ditadura bonapartista. É interessante notarmos também que no trecho acima citado, Pachukanis está claramente trabalhando na chave da distinção entre a *ditadura fascista* propriamente dita, isto é, o *regime* dirigido pelas frações hegemônicas, e a base que é dirigida, ou seja, a força social organizada que constitui o *movimento* de fascistização.

Para a revolucionária alemã Clara Zetkin, de fato, um dos principais caracteres do fascismo assenta no seu caráter de massas (ZETKIN, 2019a, p. 41). Entretanto, seus textos não chegam a precisar a distinção em torno do papel das classes dirigentes e das classes intermediárias no fascismo. Por vezes, Zetkin se limita a utilizar generalizações (como “amplas massas”, “pequena casta”, “amplas camadas”) que podem se prestar a erro, ou, o que é ainda mais problemático, a pôr em relevo apenas o caráter pequeno-burguês do fascismo (ZETKIN, 2019b, p. 77), concentrando-se precisamente neste ponto a breve crítica que Togliatti (1978, p. 1) dirige à revolucionária alemã.

Já o proletariado e suas organizações, de acordo com Pachukanis, constituem o alvo dos ataques promovidos pelo movimento pequeno-burguês e pela ditadura fascista do grande capital (PACHUKANIS, 2020b, p. 55-59). Por outro lado, de acordo com o jurista bolchevique, que neste ponto converge com as posições de Zetkin (2019b, p. 93), enquanto força social, compete precisamente ao proletariado e à sua principal organização política, o partido, a função de combater o fascismo, o que exige, para sermos fiel à sua leitura, impulsionar a luta anticapitalista e fortalecer as organizações da classe trabalhadora, e não, ao contrário, reivindicar um certo reforço da democracia liberal burguesa. Em síntese, contra a ditadura fascista, Pachukanis (2020b, p. 61) propõe a ditadura do proletariado.

1.3. O movimento de massa e o seu caráter reacionário

A repressão contra o proletariado e suas organizações pelo movimento e pela ditadura fascistas exige, entretanto, a constituição de uma *força social organizada*. Daí a constatação de Pachukanis de que uma das características do fascismo, “e talvez a *mais marcante* – é o uso da organização de massa, além da organização disciplinada, construída à maneira da guerra” (PACHUKANIS, 2020a, p. 33, *itálico nosso*). Atribuir como a “mais marcante” característica do fascismo a constituição de uma força social ativa e organizada, permite à formulação pachukaniana afastar noções equivocadas que vinculam o fascismo às incursões e projetos pessoais e sobretudo de outros tipos de ditadura.

Na análise de uma conjuntura concreta, portanto, na perspectiva pachukaniana, seria decisivo identificar a existência ou não do movimento de massas, bem como o caráter de suas organizações. Um regime não é fascista porque assim se declara o seu líder. Dentre os seus componentes característicos básicos é preciso identificar a presença dessa força social ativa, isto é, a organização de massa, sem a qual, pelo menos a partir do texto pachukaniano, não estaríamos autorizados a falar da presença do fascismo.

Importa ressaltar, como demonstração do grau de precisão de sua análise, que Pachukanis (2020a, p. 34) capta a dimensão contraditória do movimento de massa formado predominantemente pela pequena burguesia: “no uso da organização política de massas está a fonte da força e a fonte da fraqueza de Mussolini”. Ora, se o fascismo não é a ditadura da pequena burguesia, mas de frações da grande burguesia, então a sua política econômica está “dirigida à satisfação dos interesses do grande capital” (PACHUKANIS, 2020a, p. 45).

Logo, o movimento de massa da pequena burguesa constitui tão somente o apoio ativo e necessário à burguesia e suas frações dominantes, que não hesitarão em abandoná-la quando a adoção de certas medidas for necessária à preservação de seus próprios interesses, o que acaba por estremecer essa relação constituída sobre uma aliança frágil e permeada por interesses contraditórios:

Fonte da força, porque Mussolini tem aqui um ponto de apoio, tem à disposição uma força política na qual se apoiar quando é preciso lutar contra outras forças. Na Itália, tem a monarquia, tem a Igreja católica, tem o Exército, tem o grande capital [...]. Mussolini tem a seu dispor uma organização política de massas, a qual, incluindo as camadas pequenas e até proletárias, pode balançar. Mas, para tê-la a seu dispor, deve fazer-lhe determinadas concessões demagógicas. Em essência, deve prejudicar a possibilidade de estabelecimento de uma ordem burguesa duradoura, deve

continuar e aprofundar a luta entre os fascistas e os elementos antifascistas da burguesia (PACHUKANIS, 2020a, p. 34).

Ainda nas palavras do jurista bolchevique, o “calcanhar de Aquiles do regime fascista reside no fato de que ele deve conduzir a política do *grande capital*, apoiando-se na organização das massas, na qual estão predominantemente *pequeno-burgueses* [...]” (PACHUKANIS, 2020b, p. 60-61, *itálico nosso*). Dito de outra forma, no texto pachukaniano, verificamos que a burguesia e suas frações – que neste último caso, na situação italiana, designam o capital financeiro e industrial –, se apoiam nas classes intermediárias – esta última formada pela pequena burguesia –, que, organizadas numa frágil aliança, marcham rumo ao *movimento* e à *ditadura* fascistas, cujo principal inimigo é a classe trabalhadora e as suas organizações.

Apesar de certo caráter assistemático, Pachukanis nos permite estabelecer uma distinção entre *movimento* de fascistização e *ditadura* fascista, o que lhe foi útil para compreender com maior nitidez o papel da pequena burguesia enquanto uma massa organizada, isto é, enquanto força social ativa e ao mesmo tempo subordinada, que dá corpo ao processo que pode ou não consolidar um regime de ditadura fascista dirigido pelas frações burguesas, bem como as contradições entre classes e entre os interesses de classe que se apresentam na cena política aparente. Apesar disso, é preciso reconhecer que essa distinção entre movimento de fascistização e ditadura fascista seria desenvolvida com maior precisão por Togliatti, em 1935, e Poulantzas, em 1970.

Finalmente, é preciso tratarmos do que poderíamos chamar de componente predicado, isto é, do elemento que qualifica o caráter dessa força social organizada: a “decomposição da ideologia democrático-burguesa” (PACHUKANIS, 2020a, p. 29). Isso significa que as massas do fascismo têm como um de seus elementos básicos caracterizadores o *reacionarismo*. Em outras palavras, o fascismo se opõe tanto ao proletariado e suas organizações quanto aos “princípios liberais e democráticos” (PACHUKANIS, 2020b, p. 59):

O ponto característico consiste no fato de que a organização fascista, desde o início, se orienta na luta pelo poder, e ademais na luta por todos os meios, incluindo aqueles que violam diretamente a legalidade existente. É essa atitude direta em relação à tomada do poder de Estado que diferencia nitidamente o movimento fascista das organizações políticas de tipo parlamentar. (PACHUKANIS, 2020a, p. 33, *itálico nosso*).

Uma década depois, Togliatti ressaltaria, de modo mais explícito, esse mesmo elemento caracterizador do fascismo.

A burguesia deve voltar-se contra o que ela própria criou, pois o que outrora foi para ela um elemento de desenvolvimento tornou-se hoje um obstáculo à conservação da sociedade capitalista. É por isso que a burguesia torna-se reacionária e recorre ao fascismo. (TOGLIATTI, 1978, p. 4).

Assim, o que a leitura do texto pachukaniano nos permite extrair, em seu conjunto, é que o caráter reacionário do fascismo corresponde a duas dimensões distintas: i) à luta contra o proletariado e suas organizações; ii) e à luta contra o parlamentarismo democrático-burguês. Togliatti, posteriormente, recuperaria de modo sistemático essa mesma ideia ao afirmar que:

O fascismo não significa apenas a luta contra a democracia burguesa, não podemos empregar essa expressão apenas quando estamos em presença dessa luta. Devemos empregá-la apenas quando a luta contra a classe operária se desenvolve sobre uma nova base de massa de caráter pequeno-burguês (TOGLIATTI, 1978, p. 5).

Verificamos, portanto, que o movimento de massa do fascismo, de acordo com Pachukanis, marca também uma reação contra as forças progressistas e as mudanças econômicas, políticas, morais e ideológicas por elas desencadeadas. No caso italiano analisado por Pachukanis, essa reação estava marcada precisamente pela negação dos princípios liberais e democrático-burgueses, bem como pela reação ao movimento organizado do proletariado: “o grande capital, em determinadas condições, vê-se obrigado a declinar dos métodos de organização democrática das massas” (PACHUKANIS, 2020a, p. 53).

2. Os limites *relativos* do texto pachukaniano

O acúmulo teórico proporcionado por quase cinco décadas de desenvolvimento da teoria marxista que separam Poulantzas de Pachukanis, contribuiu para que o intelectual grego-francês elaborasse um sistema conceitual robusto na compreensão do fascismo. E, claro, depois de estabelecermos contato com a sua obra *Fascismo e Ditadura* (2021, 383 p.), nos deparamos com os limites das reflexões anteriores dedicadas ao mesmo tema. É o que ocorre se voltamos nosso olhar para o texto pachukaniano, apesar, reitera-se, da lucidez e

precisão com que trabalha o jurista bolchevique e cujas reflexões encontravam diversos limites, dentre os quais e principalmente a perseguição stalinista.

Feita essa ponderação, gostaríamos de apontar uma limitação que se destaca no texto pachukaniano, sabendo o leitor que o conhecimento dessa limitação, a rigor, decorre de uma perspectiva “contaminada” pela contribuição de Poulantzas. Objetivamente, a limitação que verificamos no texto de Pachukanis diz respeito à pouca importância com que o jurista bolchevique parece tratar a instância ideológica do fascismo.

Antes de prosseguirmos, pensamos ser importante registrar a pertinência da realização de um estudo sobre o papel da crise política – se é que ele existe – no texto pachukaniano e sua relação com o fascismo, considerando aqui o rigor poulantziano aplicado ao conceito de *crise política* como o elemento desencadeador e correspondente ao “advento do fascismo” (POULANTZAS, 2021, p. 66).⁷

Notemos que o conceito de crise política, a partir de Poulantzas, torna-se central na compreensão do fascismo. Não à toa, é precisamente da análise da crise política brasileira que o cientista político Armando Boito Jr. (2019; 2020; 2021) parte em sua proposta de caracterização do bolsonarismo como movimento e governo neofascistas.

A pertinência desse estudo da crise política em Pachukanis reside no fato de que em diversas passagens, sobretudo no verbete *Fascismo* (2020b, p. 57-61), o jurista bolchevique recupera, dentre outros, os elementos da cena política e do papel dos aparelhos e dos partidos políticos no processo de fascistização e na ditadura fascista, sempre em permanente relação com aquilo que está para além da superfície aparente, isto é, com a análise da luta de classes e suas frações, sobretudo com a análise do papel desempenhado pela pequena burguesia, que constituía uma força política ativa e organizada por uma frágil *aliança* com o grande capital (PACHUKANIS, 2020a, p. 36-37).

E, com Poulantzas (2021, p. 267), verificamos de forma mais depurada e sistemática que a crise política reside precisamente na constituição da pequena burguesia como força social que deixa de atuar a reboque para se aliar com o grande capital. São muitas as convergências entre ambos. É preciso reconhecer, nesse sentido, que no texto

⁷ Registramos, porém, que este não é o único elemento que permite caracterizar a crise política desencadeadora do fascismo. É preciso considerar, ademais, a crise ideológica generalizada e a correlação de forças entre as estratégias de ofensiva da burguesia e de defesa da classe trabalhadora (Poulantzas, 2021, p. 82-90)

pachukaniano, sem perder o papel das determinações econômicas, é a superestrutura política que ganha relevo.

Feita essa ressalva, voltemos ao tema da ideologia e sua relação com o fascismo no texto pachukaniano. A ideologia, portanto, não está ausente, apesar do seu tratamento ser bastante limitado. Diz o jurista bolchevique que “no terreno puramente ideológico, o fascismo não deu nada de novo, de original e de acabado” (PACHUKANIS, 2020a, p. 29). É curioso, entretanto, que mesmo diante de tal afirmação, Pachukanis (2020a, p. 27) reconheça como principais componentes da ideologia fascista os seguintes caracteres: i) o *primitivismo* ou o que em nosso entender seria o mesmo que *reacionarismo*; ii) a variedade de apropriações e, como consequência disso, o seu *caráter de mosaico*; iii) e a *contradição*. De algum modo, esses componentes da ideologia fascista apareceriam tanto no texto de Togliatti quanto na obra de Poulantzas. Vejamos:

Podemos indicar aqui as linhas gerais dessa ideologia, nos atendo a mostrar mais precisamente sua face imperialista e sua face pequeno-burguesa. Mas não é questão de entrar em uma análise sistemática. De fato, a ‘ideologia fascista’ não pode constituir um objeto de pesquisa nos mesmos moldes que os conjuntos ideológicos essencialmente ligados à burguesia e à classe operária: trata-se, antes de tudo, Togliatti o havia justamente assinalado, de um *amálgama de elementos contraditórios* [...]. (POULANTZAS, 2021, p. 270-271).

Ora, a noção de *amálgama de elementos contraditórios* (Togliatti) oferece exatamente a mesma ideia subjacente à noção de *mosaico de contradições* (Pachukanis), noção esta que Clara Zetkin forneceu algumas poucas, mas importantes pistas (2019a, p. 53; 2019b, p.80). Portanto, verificamos que o limite do texto pachukaniano é *relativo*. Isso significa dizer que, se por um lado, ele secundariza ou subordina a análise do fascismo na sua dimensão ideológica, por outro, as poucas palavras por ele pronunciadas a respeito da ideologia são de alcance surpreendente.

E aqui pensamos ser necessário separar duas dimensões que envolvem o tema da ideologia relacionada ao fascismo: de um lado, a noção de *crise ideológica*, tal como desenvolvida por Poulantzas; e, de outro, a *ideologia fascista* e seus componentes e predicados. A rigor, são noções distintas. O primeiro caso, segundo Poulantzas (2021, p. 84), se refere à crise da ideologia dominante numa dada formação social, mas que pode assumir também o aspecto de uma crise ideológica generalizada, como é o caso do fascismo; a segunda se limita a apontar, de forma indicativa, os traços fundamentais da ideologia fascista.

Surge neste momento, ainda com maior nitidez, o relativo limite do texto pachukaniano a que nos referíamos, isto é, a ausência de uma análise próxima daquilo que seria para Poulantzas a “crise ideológica” presente no processo de fascistização. Graças a essa ausência, Pachukanis não foi capaz de investigar, por exemplo e com o rigor devido, a influência da ideologia pequeno-burguesa sobre o proletariado e suas organizações, o que pode ser explicado, segundo nossa hipótese, pela abordagem até certo ponto subordinada da ideologia em sua análise.

Sendo Pachukanis, como acreditamos, um dos teóricos que passa a compor a bibliografia obrigatória dos estudos clássicos do fascismo na tradição marxista, esta seria uma ausência notável, o que impõe a impossibilidade de se afirmar que a análise pachukaniana é “a mais importante reflexão marxista sobre o tema” (MASCARO, 2021, p. 23). Longe disso, o que nos parece exato é que a contribuição de Pachukanis integra o conjunto de estudos incontornáveis sobre o assunto, mas que demanda a mobilização de inúmeros outros conceitos desenvolvidos posteriormente à sua reflexão.

Finalmente, voltemos nossa atenção para aqueles três mencionados componentes predicativos da ideologia fascista, de acordo com Pachukanis. O primeiro deles, o *reacionarismo*, está fortemente vinculado com a luta contra o parlamentarismo, contra os princípios democráticos burgueses e também contra as ideias progressistas; o segundo e o terceiro, quais sejam, o caráter de *mosaico* e a *contradição*, evidenciam para o jurista bolchevique aquilo que Poulantzas (2021, p. 271) chamaria mais tarde de “contradições internas da ideologia fascista”, que, em última instância, decorrem da contraditória e frágil aliança entre classes e frações e da relação não-homóloga por elas estabelecida nos aparelhos e no poder de Estado. Notemos como Togliatti sistematizou essas ideias:

Vejamos agora um outro problema: a questão da ideologia fascista. Que representa ela nesta luta? Analisando esta ideologia o que encontramos? De tudo. É uma ideologia eclética [...]. A ideologia fascista contém uma série de elementos heterogêneos. Devemos ter isto presente porque esta característica nos permite compreender para que serve essa ideologia. Ela serve para unificar diversas correntes na luta pela ditadura sobre as massas trabalhadoras e para criar, com este fim, um amplo movimento de massas. A ideologia fascista é um instrumento criado para manter ligados esses elementos (TOGLIATTI, 1978, p. 8-9).

Essa perspectiva reforça a nossa crítica a Pachukanis quando este afirma que a ideologia fascista “não ofereceu nada de novo”. Muito pelo contrário, a fragilidade da

aliança entre pequena burguesia, burguesia, grande burguesia e suas frações, em alguma medida, encontra na ideologia fascista a sua base de sustentação, ainda que profundamente contraditória. Em outras palavras, devido aos interesses contraditórios dessas classes e frações em aliança, a ideologia assumiu um caráter aberto e eclético, sendo funcional ao processo de fascistização.

E, para além desses três caracteres, há ainda os “pontos de colusão” (POULANTZAS, 2021, p. 271), isto é, os componentes integradores desse “conluio” entre classes e frações, dentre os quais, para encerrar, poderíamos citar, segundo reconhece o próprio Pachukanis: o nacionalismo, o militarismo, o racismo e o antissemitismo. Esses pontos de colusão seriam a rigor os componentes da ideologia fascista, dimensão que é adjacente aos três componentes caracterizadores dessa mesma ideologia, mas que não se confundem.

Em linhas gerais, o caráter relativo do limite aqui apontado sobre o texto pachukaniano, que capta os principais caracteres da ideologia fascista – sendo esta uma grande contribuição, acarretou a impossibilidade do jurista bolchevique de desenvolver e articular a relação entre ideologia e crise ideológica, bem como entre ideologia e instância política. Caso contrário, Pachukanis teria não apenas captado a novidade da ideologia fascista, que de fato detinha algo de novo a fornecer, mas teria também percebido que o tal primitivismo ou reacionarismo ideológico se expressou na luta política contra o parlamentarismo e os princípios democráticos burgueses. Ideologia, crise ideológica e crise política estão profundamente relacionadas (*e.g.* POULANTZAS, 2021, p. 85).

3. O bolsonarismo e os componentes básicos caracterizadores do fascismo

No presente e derradeiro tópico, voltaremos a nossa atenção para o que pensamos ser um ponto de convergência entre Pachukanis e os fundamentos teóricos que ancoram as recentes reflexões de Armando Boito Jr. Acreditamos que essa convergência reside sobretudo nos traços mais essenciais para a elaboração de um conceito teórico do fascismo que seja geral e sintético.

No que diz respeito à interpretação do “bolsonarismo”, nos últimos anos, Boito Jr. (2021; 2020; 2019) tem se dedicado a uma tarefa que envolve a formulação de um conceito teórico de fascismo que seja ao mesmo tempo geral e sintético, bem como a caracterização

do “bolsonarismo” como *movimento neofascista* e como *governo neofascista* que *tende à ditadura neofascista*.

Situando brevemente o debate, Boito Jr. propõe a formulação de um conceito de fascismo que, à luz das experiências históricas e da teoria geral da política e do Estado, seja capaz de superar aquilo que, segundo ele, seriam dois grandes equívocos: i) o equívoco *historicista*, consistente na circunscrição e no confinamento do fascismo às experiências verificadas na Itália e Alemanha; ii) o equívoco *descritivo* e *empiricista*, que, partindo diretamente do fato sensível, sem apontar critérios teórico-metodológicos, elenca uma série de atributos não relacionados entre si e sobre os quais jamais são dadas a saber as determinações principais e secundárias (BOITO JR., 2020 p. 113-114).

Portanto, na busca por um conceito geral e sintético, segundo o citado cientista político, é preciso ir além das análises que restringem o fascismo às experiências italiana e alemã e também superar aqueles estudos que traçam uma espécie de rol indicativo a partir do qual se procura identificar em eventos similares a presença ou não do fascismo.

Em seguida, o autor aponta como apoio para sua reflexão teórica, principalmente, três autores: Togliatti, Poulantzas e Guérin, cujos estudos integram “as análises marxistas sobre o fascismo” (BOITO JR., 2020, p. 115), com alguma preponderância dos dois primeiros, diríamos: “inspirados na análise de autores como Palmiro Togliatti e Nicos Poulantzas, sustentamos a legitimidade teórica de um conceito geral de fascismo, isto é, um conceito de fascismo que transcenda as particularidades do fascismo original, italiano ou alemão” (BOITO JR., 2021, p. 2).

Assim, munido dos conceitos fornecidos por Togliatti (1978, p. 5) e Poulantzas (2021, p. 25) sobre aquilo que ambos compreendem por *ditadura* fascista, Boito Jr. (2021, p. 3) chega ao seguinte resultado: “o fascismo é uma ditadura cujo regime político é um regime reacionário de massa”. Neste ponto, o autor registra uma importante e sutil distinção entre movimento fascista, ditadura fascista e governo fascista. A consequência disso é que, segundo ele, torna-se possível concebermos um governo fascista ou, no caso brasileiro, um governo neofacista, sem que, necessariamente, haja a consolidação de um regime ditatorial fascista (Boito Jr., 2019, p. 3; 2020, p. 111).

Nesse sentido, para sermos fiéis à análise do autor., precisamos considerar essas três gradações ou dimensões (movimento, governo e ditadura) na análise do fascismo. Não iremos aqui recuperar cada uma das determinações da conjuntura brasileira mencionadas

pelo cientista político Armando Boito Jr., mas destacaremos apenas a sua definição de fascismo, que, diante do objetivo que traçamos, nos parece ser o fundamental:

Definimos o movimento fascista como um movimento reacionário de massa e, seguindo Togliatti, a ditadura fascista como um regime reacionário de massa. Esse elemento a distingue da ditadura militar – questão muito discutida na esquerda brasileira nas décadas de 1960 e 1970. O fascismo é, digamos assim e tomando emprestada a terminologia da biologia, o gênero, sendo o fascismo original e o neofascismo brasileiro duas espécies diferentes do gênero à qual ambas pertencem. Cada uma das duas espécies citadas realiza as qualidades do gênero de um modo particular. (BOITO JR., 2020, p. 115).

Em termos metodológicos, verificamos a formulação de um conceito de fascismo que, enquanto gênero, busca captar aquilo que há de essencial ou universal no fenômeno, para, em seguida, afirmar a possibilidade de seu desdobramento em duas diferentes espécies, quais sejam, o fascismo das experiências italiana e alemã, de um lado, e o neofascismo brasileiro, de outro, espécies estas que nas suas particularidades incorporam a universalidade do fenômeno e, ao mesmo tempo, nela expressam a marca de suas singularidades.

De forma ilustrativa, se tomarmos um dos componentes que formam a universalidade do fascismo, como é o caso da presença das *camadas intermediárias que constituem o movimento de massa*, poderemos verificar que cada uma das espécies particulares incorporam essa determinação, mas a partir das particularidades que lhes são próprias e que acabam por expressar na universalidade as suas singularidades: é o caso da composição dessa massa, que é “predominantemente pequeno-burguesa no fascismo original e predominantemente de classe média [...] no neofascismo brasileiro” (BOITO JR., 2021, p. 4).

Outra ilustração possível diz respeito às frações que estão em luta pela hegemonia no bloco no poder, divergência que acabou por marcar uma espécie de oposição entre Atilio Boron e Boito Jr. na caracterização do bolsonarismo a partir da noção de fascismo. Segundo este último, ao contrário de Boron, seria possível falar de um deslocamento da burguesia nacional como fração hegemônica, no caso do fascismo original, para, eventualmente, uma hegemonia do capital internacional, no caso brasileiro, que é marcado por uma economia dependente e periférica (BOITO JR., 2019, p. 3).

Feitas essas brevíssimas considerações a respeito das reflexões de Boito Jr., especialmente naquilo que diz respeito à elaboração de um conceito teórico geral e sintético de fascismo, podemos, finalmente, apontar os elementos de convergências entre sua reflexão, os referenciais por ele adotados e as contribuições de Pachukanis, tomando como ponto nodal dessa análise os principais caracteres apontados na primeira seção deste artigo.

Em *primeiro* lugar, é preciso recuperar, no texto pachukaniano, a centralidade do *imperialismo*, que, na reflexão de Boito Jr., coincide com a necessária superação do historicismo e do empiricismo. Neste ponto, Pachukanis assinalava em sua análise a inscrição do fascismo no estágio imperialista do capitalismo. Nesse sentido, há evidente convergência entre ambos, na medida em que a compreensão segundo a qual o fascismo constitui uma possibilidade inscrita no estágio de decomposição e estagnação do capitalismo monopolista, isto é, na sua fase imperialista (e hoje neoliberal), permite superar as noções historicistas e empiricistas, pois atribui ao fenômeno um caráter de *possibilidade* enquanto dominarem as atuais formas de relações de produção. Ao lado de Togliatti e Poulantzas, Pachukanis certamente contribui para o reforço dessa tese.

Em *segundo* lugar, apontamos a centralidade da perspectiva de classe do fascismo tanto no texto pachukaniano quanto nas análises de Boito Jr. e dos referenciais por ele utilizados. O caráter de classe do fascismo, segundo Pachukanis, compreende a aliança ideológica frágil e contraditória entre as camadas médias da pequena burguesia, da burguesia e também do grande capital, que tomam o proletariado, suas organizações e o campo progressista como seu principal alvo. Extrai-se daí a seguinte consequência para o caso brasileiro: se se adota a categoria do bonapartismo, perde-se uma das marcas do bolsonarismo, qual seja, a mobilização de camadas intermediárias da sociedade enquanto força ativa no processo de fascistização. Essa marca de classe do fascismo, bem como o papel desempenhado pelas camadas intermediárias no processo de fascistização, de um lado, e do grande capital na direção desse movimento, de outro, faz com que sejam convergentes Pachukanis, Togliatti e Poulantzas.

Em *terceiro* lugar, é preciso registrar a presença no texto pachukaniano do caráter *reacionário* do *movimento* de massa do fascismo, de um lado, bem como a sua distinção – ainda que ligeira e até certo ponto intuitiva – para o momento de *ditadura* fascista, de outro. O processo de fascistização, segundo o jurista bolchevique, ataca tanto o parlamento e os princípios liberais democrático-burgueses quanto o proletariado, suas organizações e as

ideias progressistas, podendo, enquanto tendência, resultar na “política do grande capital”, ou seja, na ditadura fascista. Também esse elemento nos permite aproximar Pachukanis de Togliatti e de Poulantzas.

Considerações Finais

Ao realizarmos esse movimento que compreendeu, de um lado, a recuperação sistemática dos principais caracteres do fascismo a partir de nossa leitura do texto pachukaniano, e, de outro, o estabelecimento de um diálogo entre Pachukanis, Zetkin, Togliatti e Poulantzas, esperamos ter demonstrado a imprescindibilidade de Pachukanis na tradição marxista clássica dedicada ao estudo do fascismo.

Esperamos, ademais, ter logrado demonstrar as convergências existentes entre o texto pachukaniano e os principais referenciais adotados por Armando Boito Jr. em suas reflexões atuais sobre o “bolsonarismo” e, principalmente, na formulação de um conceito teórico geral e sintético de fascismo.

Apesar do limite que apontamos sobre a reflexão do jurista bolchevique, que certamente não é o único, um fator que não pode ser deixado de lado diz respeito ao ineditismo de muitos dos pressupostos que informam a noção de fascismo enquanto gênero, os quais, inclusive, são anteriores às clássicas lições de Togliatti, e que, do mesmo modo, escaparam à limitada interpretação feita pela Terceira Internacional Comunista na análise do fascismo.

Essa limitada interpretação se tornou oficial em dezembro de 1933. Naquele ano, o Décimo Terceiro Plenário do Comitê Executivo da Internacional Comunista (1934, p. 5-6, tradução nossa) aprovou a tese segundo a qual o fascismo seria “a ditadura terrorista aberta dos elementos mais reacionários, mais chauvinistas e mais imperialistas do capital financeiro”. A tese, assim como a íntegra do relatório, ignoram rotundamente o aspecto ideológico do fascismo orientado para a “adesão” pelo “consenso” das massas e para o qual Pachukanis (2020a, p. 29), especialmente ao analisar os discursos, as doutrinas e os pronunciamentos de Mussolini, chamava nossa atenção.

Em igual medida, tal formulação relaciona o fascismo apenas à hegemonia do capital financeiro, encerrando a sua tendência à hegemonia de uma única fração de classe. Por fim, diferentemente de Pachukanis, que realiza, no mais forte sentido do termo, uma análise

concreta da situação concreta, o relatório da Internacional Comunista tende a universalizar o fascismo aos demais países sem considerar as suas singularidades, o que revela mais uma preocupação de subordinação política incondicional dos Partidos Comunistas ao Partido Comunista da URSS do que uma compreensão científica e objetiva do fenômeno.

Finalmente, considerando a intuitiva distinção entre movimento e ditadura fascista no texto pachukaniano, o fundamental na definição do fascismo precisa compreender sobretudo três aspectos: a sua possibilidade histórica inscrita no atual estágio *imperialista* do capitalismo neoliberal; o seu *caráter de classe*, que nos permite identificar que o alvo e também a força social capaz de derrotar o fascismo reside na classe trabalhadora e em suas organizações.

Neste ponto, é preciso destacar também a força ativa desempenhada pela pequena burguesia, que, apesar de não controlar ou dirigir o processo de fascistização, atua como suporte (“classe-apoio”) das frações burguesas; por último, deve-se considerar também o *caráter reacionário* ou primitivista, bem como o mosaico de contradições, que caracterizam a ideologia fascista.

Referências

AKAMINE JR., Oswaldo. Pachukanis e o componente de classe que marca o fascismo. *Revista Cult.* 16 de nov. 2020. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/fascismo-pachukanis/>. Acesso em: 10 nov. 2021

AKAMINE JR., et al. *Uma introdução a Pachukanis*. 1.ed. Campinas: Lutas Anticapital, 2022.

BOITO Jr., Armando. O neofascismo no Brasil. *Boletim Lieri*. Número 1 – Maio de 2019. Disponível em: <https://marxismo21.org/wp-content/uploads/2019/05/Boletim-1-O-Neofascismo-no-Brasil-1.pdf>. Acesso em: 10 de nov. 2021.

_____. Por que caracterizar o bolsonarismo como neofascismo. In: *Crítica Marxista*, Campinas, n.50, p.111-119, 2020.

_____. O caminho brasileiro para o fascismo. *Caderno CRH*, [S. l.], v. 34, p. e021009, 2021. DOI: 10.9771/ccrh.v34i0.35578. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/view/35578>. Acesso em: 10 nov. 2021.

DÉCIMO Terceiro Plenário Do Comitê Executivo Da Internacional Comunista. *Theses and decisions*. 1.ed. Nova Iorque: Workers Library Publishers, 1934.

HANSEN, Thiago. Fascismo pelos olhos de Pachukanis. *Revista Direito e Práxis*, [S.l.], set. 2021. ISSN 2179-8966. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaceaju/article/view/59115>>. Acesso em: 10 nov. 2021.

LENIN, Vladimir. *O imperialismo: fase superior do capitalismo*. Trad. Leila Prado. 4. ed. São Paulo: Centauro, 2008.

MARTUSCELLI, Danilo Enrico. Prefácio. In: POULANTZAS, Nicos. *Fascismo e ditadura*. Trad. Bethânia Negreiros Barroso. 1.ed. Florianópolis – SC: Enunciado Publicações, 2021, pp. 11-19.

MASCARO, Alysson Leandro. Prefácio. In: PACHUKANIS, Evgeni. *Fascismo*. Trad. Paula Vaz de Almeida. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2020, pp. 9-24.

PACHUKANIS, Evgeni. Para uma caracterização da ditadura fascista. In: *Fascismo*. Trad. Paula Vaz de Almeida. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2020a.

_____. Fascismo. In: *Fascismo*. Trad. Paula Vaz de Almeida. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2020b.

POULANTZAS, Nicos. *Poder Político e classes sociais*. Trad. Maria Leonor F. R. Loureiro. 1. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2019.

_____. *Fascismo e ditadura*. Trad. Bethânia Negreiros Barroso. 1.ed. Florianópolis – SC: Enunciado Publicações, 2021.

TOGLIATTI, Palmiro. *Lições sobre o fascismo*. Trad. Maria Tereza Lopes

Teixeira. 1.ed. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1978.

ZETKIN, Clara. A luta contra o fascismo. In: *Como nasce e morre o fascismo*. Trad. Eli Moraes. 1.ed. São Paulo: Autonomia Literária, 2019a.

_____. Resolução sobre o fascismo. In: *Como nasce e morre o fascismo*. Trad. Eli Moraes. 1.ed. São Paulo: Autonomia Literária, 2019b.